

Diário de Petrópolis, 07 de Maio de 2023

A Posição do Brasil na Inovação Global

Por: Ronaldo Fiani

Nos últimos artigos venho discutindo a importância das inovações para aumentar o Produto Interno Bruto (o PIB, a soma de todos os bens e serviços produzidos na economia em um ano) per capita (por habitante), que é a base do enriquecimento de um país e do seu desenvolvimento. Hoje vou traçar um rápido painel da situação brasileira em relação à inovação, em termos globais. Para isto, vou considerar a posição do Brasil no Índice Global de Inovação (IGI), calculado pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI ou WIPO em inglês), sendo que propriedade intelectual envolve patentes, marcas, direitos autorais etc. O IGI varia em uma escala de 0 a 100, onde 100 é a melhor performance possível.

Antes, contudo, é preciso fazer algumas advertências quanto ao emprego de índices. Há algum tempo, todos passaram a acompanhar atentamente vários índices, como se eles traduzissem imediatamente uma realidade, especialmente a realidade de um país. Este é o caso, por exemplo, do popularíssimo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado pelas Nações Unidas e que é periodicamente acompanhado com ansiedade pela imprensa e pelos governantes, a cada ascensão ou queda no ranking.

Índices podem ajudar a compreender uma realidade, mas a ansiedade com relação à posição do país em uma classificação baseada em um índice, como em um campeonato de futebol, faz muito mais mal do que bem, porque desvia a

nossa atenção daquilo que é realmente importante, que são as informações que o índice pode trazer. Com efeito, o fato de o Brasil subir algumas posições no ranking de um índice pode ser explicado, sempre, por três possibilidades: ou o índice do país melhorou, ou alguns índices de países à frente do Brasil no ranking pioraram, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

É preciso, portanto, olhar os indicadores que compõem o índice, ou pelo menos olhar o próprio valor do índice, em vez de olhar apenas a classificação do país. Isto é ainda mais importante quando se considera que o IGI é composto por algo em torno de 80 indicadores, que são aplicados a nada menos do que 132 países, vários deles com problemas em alguns dados e até mesmo com dados faltando, sem mencionar que as estatísticas que são coletadas para a construção dos indicadores, e daí para o cálculo do índice podem ser construídas com metodologias diferentes de país para país.

Infelizmente, muitas vezes não se olha nem o índice, apenas o ranking. Assim, vemos no site oficial do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação a nota entusiasmada, que foi postada em setembro do ano passado, afirmando que “O Brasil ganhou três posições no índice global de inovação, passando da 57^a para a 54^a posição na edição de 2022 do Global Innovation Index (GII)” (<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2022/09/brasil-ganha-tres-posicoes-no-ranking-global-de-inovacao>). A notícia prossegue: “O resultado do estudo reflete as medidas positivas que o Brasil vem tomando para melhorar seu ambiente de inovação, enquanto mostra os desafios que ainda estão pela frente”.

A informação quanto à melhora da posição é verdadeira, mas, se o autor da nota tivesse olhado o relatório da OMPI com um pouco menos de preocupação com o ranking, teria percebido que o valor do índice na verdade baixou de 34,20 em 2021 para 32,50 em 2022! A conclusão lógica é que a melhora de posição do

Brasil em 2022 se deveu exclusivamente à piora de outros países, que se encontravam classificados à frente do país no ranking da OMPI. Se considerarmos uma amplitude de tempo maior, veremos que em 2011 o IGI brasileiro era de 37,75, um valor significativamente maior do que o observado em 2022. Pioramos em termos de inovação na última década!

Em vez de nos preocuparmos com a posição do Brasil no ranking, deveríamos concentrar a nossa atenção nos pontos fracos identificados no levantamento do índice: as dificuldades para abrir e fazer negócios, a cultura deficiente de inovação, o relativamente pequeno número de engenheiros e cientistas formados, as dificuldades para financiar pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e processos etc. Alguns destes problemas, por outro lado, mostram as potencialidades do país: por exemplo, o cálculo do IGI para o Brasil em 2022 evidenciou que, apesar de poucos engenheiros e cientistas formados, e mesmo com dificuldades de financiamento, o desempenho em termos de publicações científicas foi muito bom.

Tudo isto pode nos ajudar a formar um país inovador. Só precisamos parar de olhar para o lado errado.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-237700>